



Prévia do fechamento mensal IBOV

Setembro | 2026

Marcos Felipe Martins da Silva Praça

CNPI-T: EM-9505

Nenhuma parte do conteúdo deste canal deve ser interpretada como oferta, negociação ou solicitação de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

SETEMBRO EM NÚMEROS

Indicador	Valor	Referência
Ibovespa	183.966 pts	Fechamento 24/09/2026
Dólar Comercial	R\$ 5,19	Fechamento 24/09/2026
Brent (Dez/26)	US\$ 106,60/bbl	Fechamento 24/09/2026
Selic (meta)	13,75% a.a.	Decisão Copom 16/09
Focus IPCA 2026	4,92%	Relatório Focus 21/09
Focus Selic fim 2026	13,50%	Relatório Focus 21/09
IPCA Agosto/2026	-0,32% (deflação)	IBGE, divulgado 11/09

CENÁRIO DO MÊS

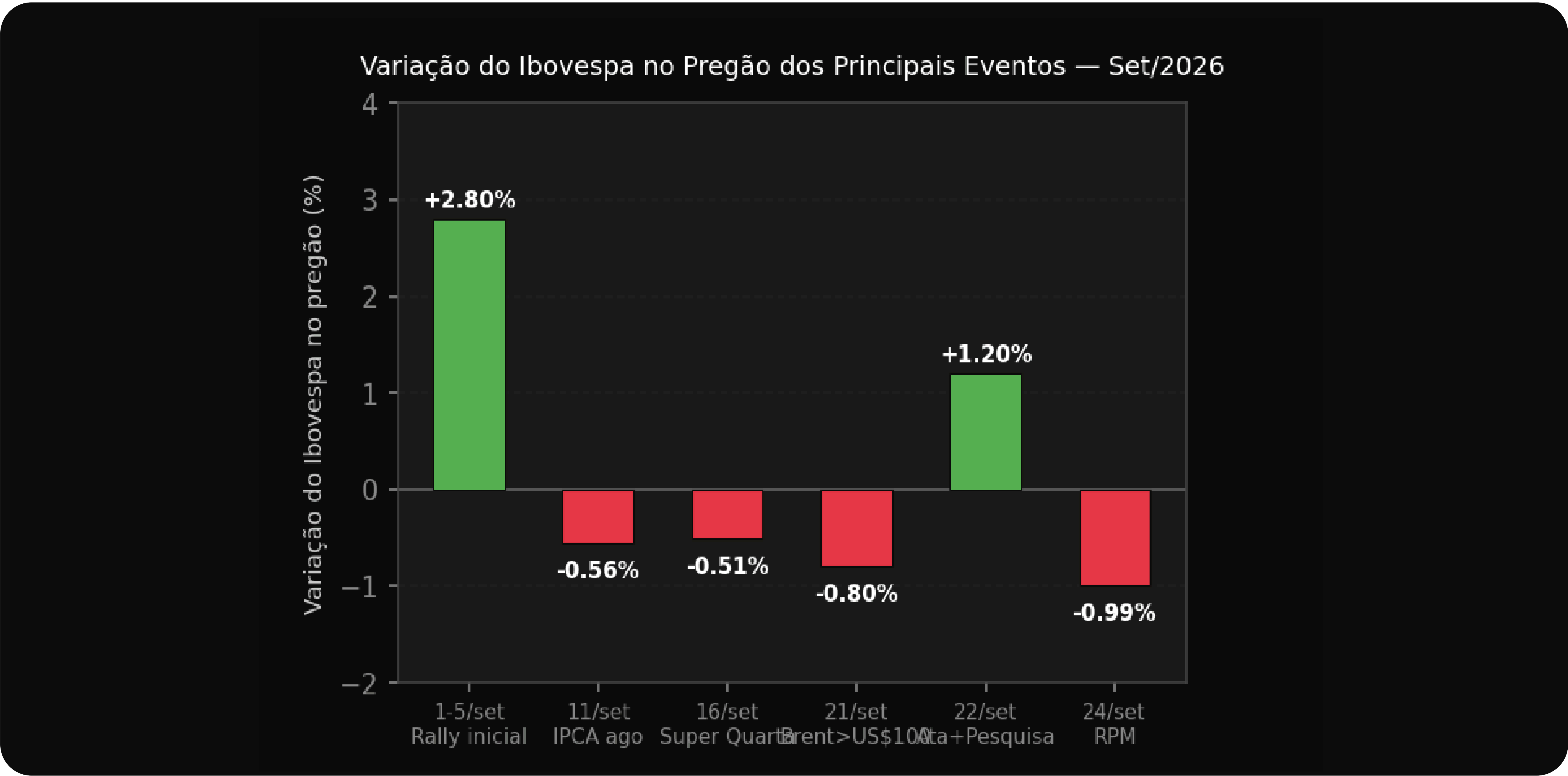
Setembro de 2026 confirmou o padrão de dois tempos que vinha sendo antecipado. A primeira quinzena foi marcada pela espera pela Super Quarta, com o Ibovespa operando em ritmo mais moderado mas sustentando os ganhos recuperados desde a mínima de agosto. A segunda quinzena concentrou os eventos mais relevantes: a confirmação do ciclo de convergência monetária no Brasil, o choque geopolítico no petróleo e a publicação do Relatório de Política Monetária.

O IPCA de agosto, divulgado em 11 de setembro, contribuiu para as expectativas de continuidade do ciclo de afrouxamento do Copom. Ao mesmo tempo, a alta do Brent acima de US\$ 100 por barril reintroduziu incerteza sobre a trajetória da inflação no quarto trimestre, tornando o balanço de riscos mais assimétrico para os próximos meses.

Com o primeiro turno marcado para 4 de outubro, as pesquisas eleitorais também passaram a influenciar a precificação do câmbio e dos ativos de risco domésticos ao longo da segunda quinzena.

CRONOLOGIA DE SETEMBRO

Data	Evento	Impacto
1-5/set	Ibovespa retoma o rally: índice avança de 174,5k para 179,4k, com melhora do humor global e fluxo estrangeiro positivo	+
11/set	IPCA de agosto: -0,32% (deflação). Dado reforça percepção de desinflação acelerada e contribui para expectativas de novo corte	++ forte
16/set	Super Quarta: Fed eleva fed funds rate para 3,75%-4,00% (12 a 0); Copom corta Selic para 13,75% (5ª vez consecutiva)	Duplo
21/set	Brent cruza US\$ 100: autoridades iranianas afirmam que não recuarão sobre o Estreito de Ormuz; OPEC+ mantém cortes vigentes	- risco
22/set	Ata do Copom: BC detalha razões para o 5º corte consecutivo; postura declarada como dependente dos dados	Neutro
22/set	AtlasIntel/Bloomberg: 1T — Lula 45,8% x Flávio 43,4%; 2T — Lula 47,7% x Flávio 47,4% (empate técnico, margem de 1 p.p.)	Neutro
24/set	RPM: BC reduz projeção do PIB 2026 de 2,0% para 1,8%; IPCA 2026 projetado em 5,2%; IBOV fecha em 183.966 pts	Síntese



Fonte: B3. Variação percentual do Ibovespa ($\text{Fechamento}_t / \text{Fechamento}_{[t-1]} - 1$). 1-set: variação acumulada da semana. 11/set (-0,56%), 16/set (-0,51%) e 24/set (-0,99%) confirmados pela série histórica; 21/set e 22/set são aproximações.

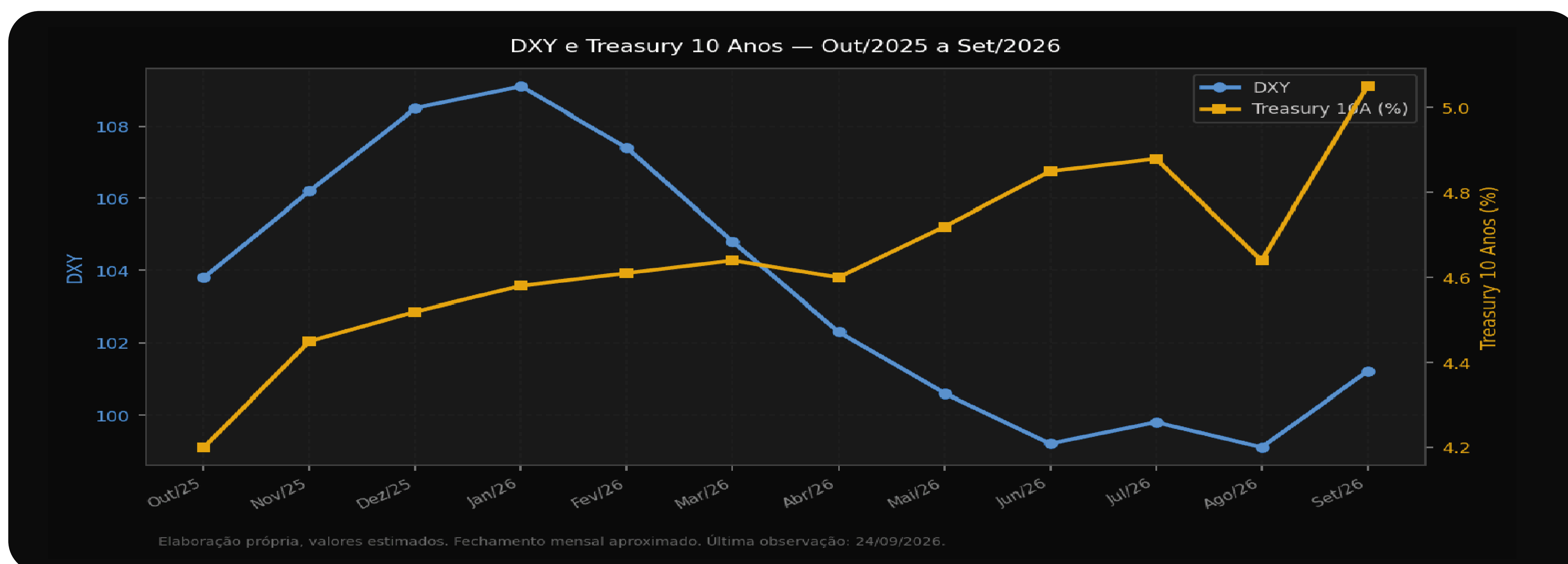
SUPER QUARTA: O DIVISOR DE ÁGUAS

16 de setembro foi o dia mais aguardado pelos mercados globais em todo o terceiro trimestre de 2026. Em Washington, o Federal Open Market Committee (FOMC) aprovou por unanimidade (12 a 0) a elevação da fed funds rate para a faixa de 3,75% a 4,00%, o primeiro aumento desde 2023. A decisão, embora amplamente precificada pelo mercado de futuros, enviou um sinal claro de que o Fed retomou o ciclo contracionista diante da persistência inflacionária nos Estados Unidos.

O dot plot atualizado mostrou que a mediana dos membros do FOMC projeta a fed funds rate encerrando 2026 em 4,1%, contra 3,6% na projeção anterior de junho. Os Treasuries passaram por forte reprecificação ao longo de setembro, com o rendimento do título de 10 anos superando 5%, maior nível desde 2007. O DXY voltou à faixa dos 101 pontos, refletindo a reavaliação dos investidores sobre a trajetória de juros nos Estados Unidos.

Em Brasília, simultaneamente, o Copom aprovou por unanimidade o corte de 25 pontos-base na Selic, levando a taxa para 13,75% ao ano. Trata-se da quinta redução consecutiva no ciclo iniciado no segundo semestre de 2025. A decisão confirmou que, mesmo com o Fed na direção oposta, o Banco Central do Brasil avalia que as condições domésticas justificam a continuidade do processo de normalização monetária.

O mercado brasileiro reagiu de forma bifurcada: a curva de juros curta cedeu na expectativa de mais cortes, mas as NTN-Bs sofreram pressão diante do choque nos juros americanos. O câmbio oscilou sem movimento direcional claro durante a sessão, sinal de que a combinação das duas decisões não gerou desconforto imediato.

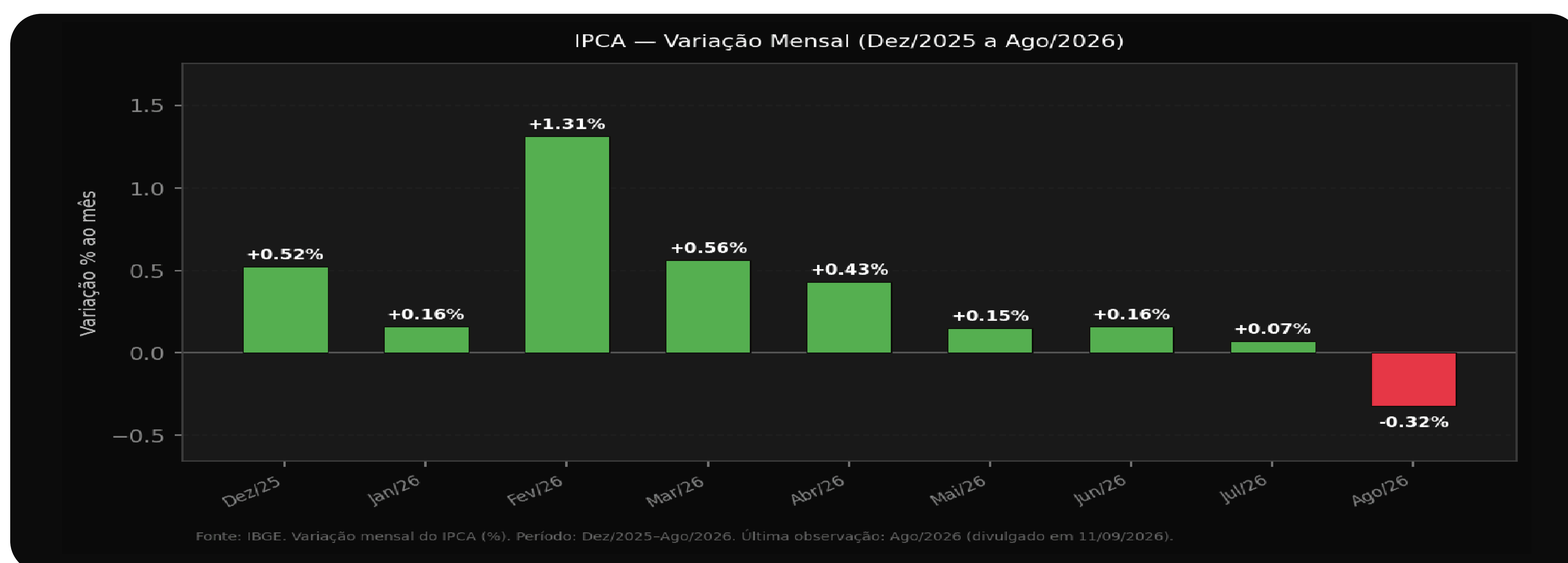


BRASIL: INFLAÇÃO, ELEIÇÕES E ATIVIDADE

IPCA de Agosto:

Deflação de 0,32% O IPCA de agosto, divulgado pelo IBGE em 11 de setembro, registrou deflação de 0,32%. O movimento foi amplamente influenciado pela queda nos preços de energia elétrica, com a bandeira tarifária permanecendo verde, e pela deflação nos alimentos no domicílio. No acumulado de 12 meses, o IPCA desacelerou para 4,22%, ainda acima da meta de 3,0%.

O dado reforçou a percepção de desinflação acelerada e contribuiu para as expectativas de flexibilização monetária, mas o debate sobre o timing da próxima decisão do Copom permanece aberto: se o choque do petróleo via Brent se materializar nos preços ao consumidor no quarto trimestre, o ritmo de cortes pode ser recalibrado



Contexto Eleitoral

Com o primeiro turno marcado para 4 de outubro, o ambiente eleitoral esteve entre os fatores monitorados pelo mercado ao longo da segunda quinzena de setembro. A pesquisa AtlasIntel/ Bloomberg divulgada em 22 de setembro trouxe, no cenário de primeiro turno, Lula com 45,8% e Flávio Bolsonaro com 43,4%; no cenário de segundo turno, o levantamento registrou Lula com 47,7% contra 47,4% de Flávio Bolsonaro, empate técnico dentro da margem de erro de 1 p.p. Historicamente, a incerteza pré-eleitoral tende a ampliar a volatilidade implícita do dólar nas semanas que antecedem o pleito.

Ata do Copom e Relatório de Política Monetária

A Ata do Copom, divulgada em 22 de setembro, detalhou as razões para o quinto corte consecutivo na Selic e reiterou postura dependente dos dados. O documento não trouxe sinalização explícita de mudança no ritmo de cortes, e parte do mercado interpretou a comunicação como consistente com a continuidade de ajustes graduais de 25 pontos-base.

Em 24 de setembro, o Banco Central divulgou o Relatório de Política Monetária (RPM), que trouxe a revisão da projeção de crescimento do PIB 2026 de 2,0% para 1,8% e manteve a projeção de IPCA para o ano em 5,2%. A revisão do PIB reflete a moderação esperada na demanda doméstica, enquanto a projeção de inflação mais elevada sinaliza que o BC monitora os riscos do choque do petróleo sobre os preços ao consumidor.

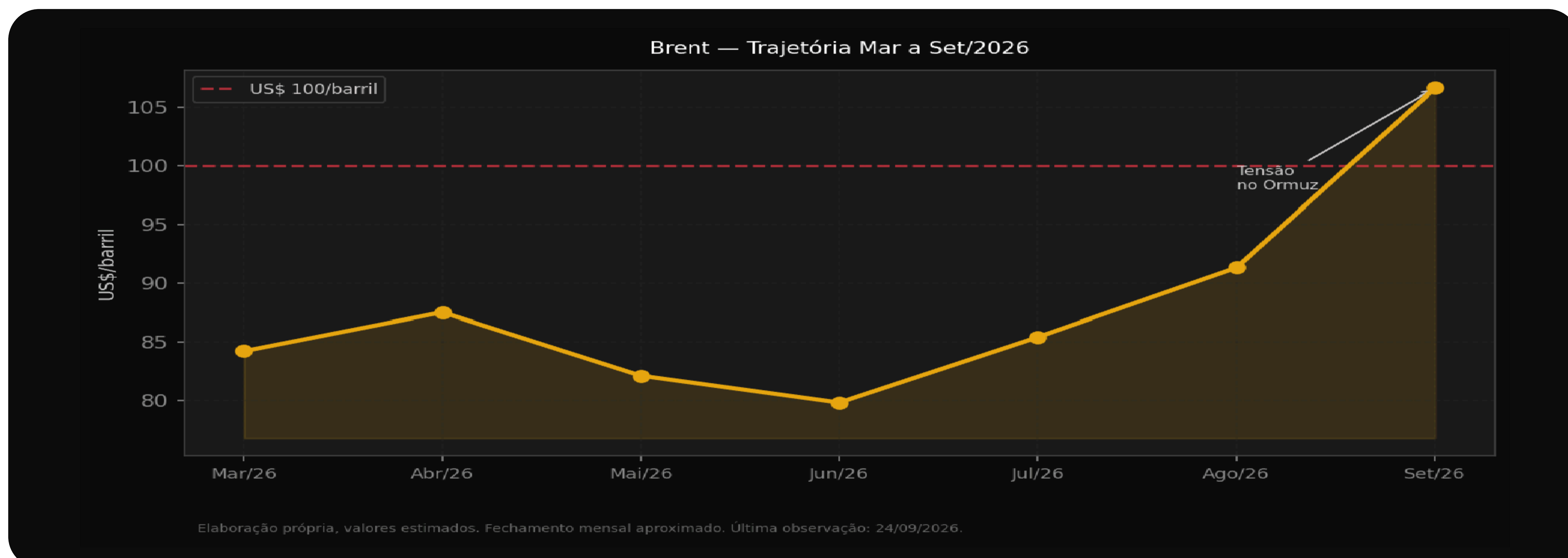
PETRÓLEO: BRENT DE VOLTA AOS TRÊS DÍGITOS

Um dos eventos mais relevantes de setembro foi o retorno do Brent acima de US\$ 100 por barril, patamar não visto desde 2024. O movimento ganhou força a partir da segunda quinzena do mês, impulsionado principalmente por tensões geopolíticas no Golfo Pérsico e pela postura restritiva da OPEP+.

Em 21 de setembro, autoridades iranianas reafirmaram suas posições em relação ao Estreito de Ormuz, via por onde passa aproximadamente 20% do petróleo comercializado globalmente. A declaração contribuiu para uma alta expressiva do Brent durante a sessão, elevando o contrato de outubro para além dos US\$ 100 por barril pela primeira vez desde 2024.

A OPEP+ sinalizou que manteria os cortes de produção vigentes ao menos até o final do ano, o que limitou a resposta da oferta ao choque de preços. O mercado segue atento aos desdobramentos geopolíticos no Oriente Médio como principal variável de curto prazo para a trajetória do Brent.

Para o Brasil, o Brent acima de US\$ 100 cria um ambiente ambíguo: de um lado, beneficia os produtores domésticos, como Petrobras, e pode elevar a arrecadação via royalties e participações especiais. De outro, pressiona os custos de combustíveis, que são um dos principais transmissores de inflação ao consumidor, e representa um risco para a trajetória do IPCA no quarto trimestre.

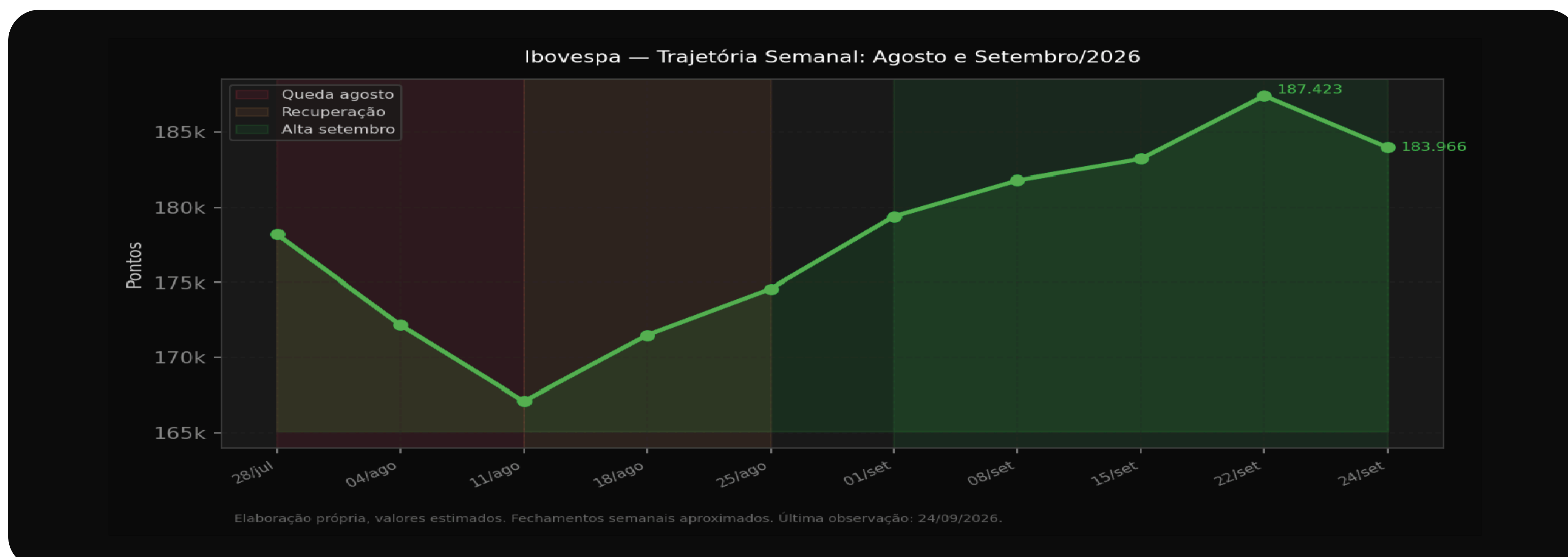


A trajetória do Brent ao longo de 2026 evidencia a volatilidade do mercado de petróleo: após recuo para a faixa de US\$ 79–80 no segundo trimestre, o contrato recuperou mais de 33% até 24 de setembro, com a tensão geopolítica de Ormuz como principal catalisador da última perna de alta.

BOLSA EM GRÁFICOS

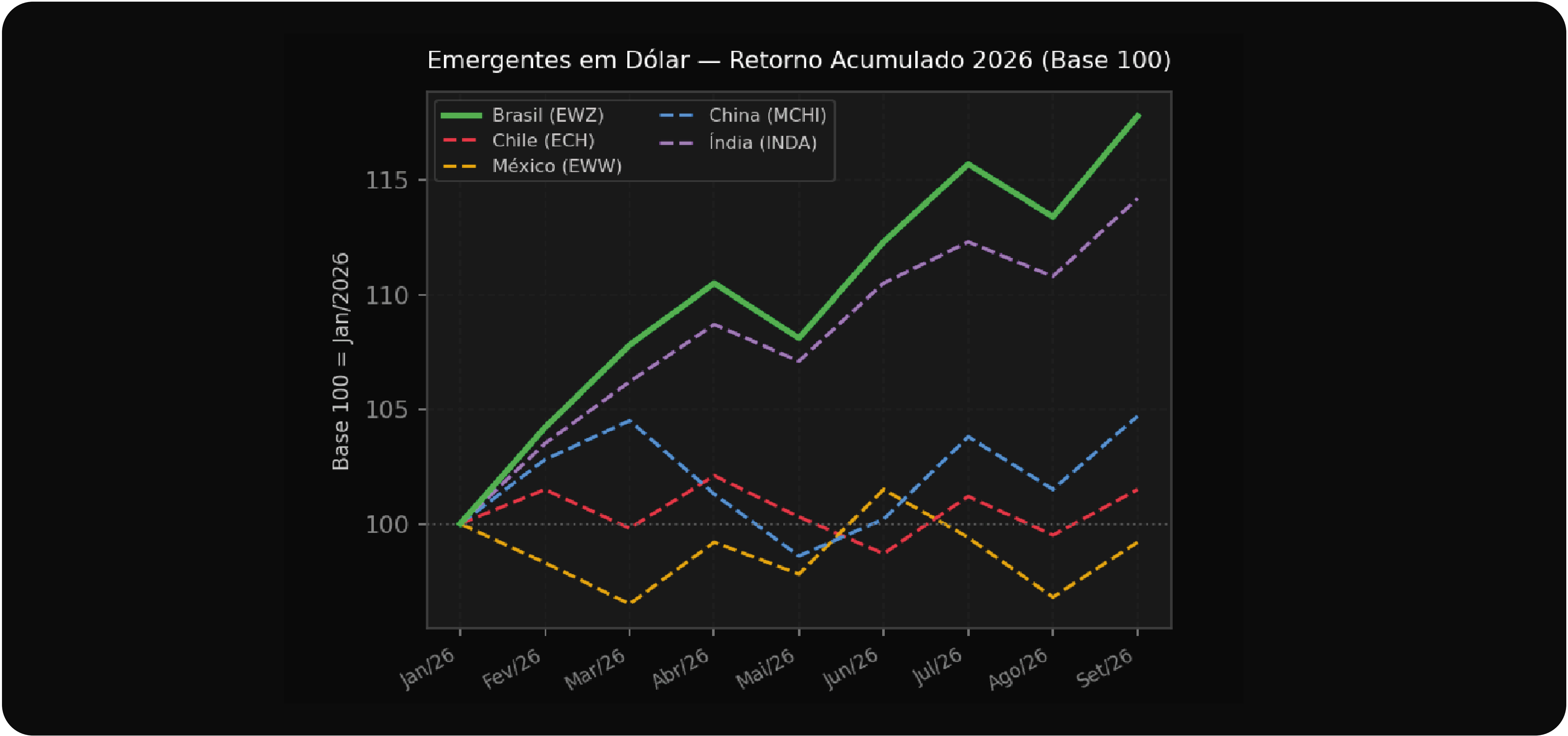
Trajetoira do Ibovespa

Agosto e Setembro/2026 Setembro reforçou a recuperação iniciada após a mínima de agosto. O índice avançou ao longo do mês, alcançando 187.423 pontos em 22 de setembro, antes de recuar para 183.966 pontos em 24 de setembro. Tomando o fechamento de 31 de agosto como base (177.419 pts), o Ibovespa acumula alta de aproximadamente 3,7% no mês até o corte desta prévia. A trajetória foi pontuada pelos três catalisadores centrais: IPCA deflacionário, decisão do Copom e continuidade do fluxo estrangeiro positivo na primeira metade do mês.



Emergentes em Dólar — Retorno Acumulado 2026 (Base 100)

Na comparação com pares emergentes via ETFs em dólar, o Brasil destaca-se positivamente no acumulado do ano, beneficiado pela combinação de juros reais elevados, commodities em alta e ciclo de afrouxamento monetário que sustenta o valuation dos ativos domésticos. O gráfico base-100 compara o desempenho de preço ajustado (Adjusted Close) em dólares de EWZ (Brasil), ECH (Chile), EWW (México), MCHI (China) e INDA (Índia) desde o início de 2026.



Fonte: Yahoo Finance (Adjusted Close). ETFs em USD: EWZ (Brasil), ECH (Chile), EWW (México), MCHI (China), INDA (Índia). Desempenho de preço ajustado, base 100 = primeiro preço de 2026. Elaboração própria. Dados até 24/09/2026.

O QUE ESPERAR PARA OUTUBRO

Data	Evento	Relevância
4/out	1º Turno das Eleições Presidenciais — TSE	Alta
9/out	IPCA de Setembro/2026 — IBGE	Alta
25/out	2º Turno das Eleições Presidenciais (se necessário) — TSE	Máxima
27-28/out	Reunião FOMC de outubro	Alta
Nov/26	Copom de novembro — ritmo de cortes pode ser revisado	Alta
8-9/dez	FOMC dezembro — com projeções econômicas atualizadas	Alta

Eleições: O Cenário Central

O primeiro turno de 4 de outubro será o evento dominante para os mercados brasileiros. As pesquisas indicam um cenário competitivo. Caso nenhum candidato alcance a maioria absoluta dos votos válidos no primeiro turno, o segundo turno ocorrerá em 25 de outubro. Historicamente, o real tende a apresentar maior volatilidade nas semanas que antecedem e sucedem eleições presidenciais de resultado incerto.

IPCA de Setembro e o Efeito Combustível

Com o Brent acima de US\$ 100, a leitura do IPCA de setembro, a ser divulgada pelo IBGE em 9 de outubro, será monitorada com atenção redobrada. A questão central é se o choque no petróleo já se transmitiu para os combustíveis domésticos. Um resultado acima de 0,50% no mês pode reabrir o debate sobre o ritmo de cortes do Copom.

Fed: Alta Adicional ou Pausa Estratégica?

Com a fed funds rate na faixa de 3,75%-4,00%, o FOMC de 27-28 de outubro enfrentará sinais contraditórios: inflação ainda acima do alvo, mas mercado de trabalho dando sinais de acomodação. O dot plot de setembro, com mediana de 4,1%, sugere que uma alta adicional de 25 pontos-base não está descartada. Após outubro, a próxima reunião do FOMC com projeções econômicas atualizadas ocorre em 8-9 de dezembro.

Copom de Novembro: Manutenção do Ritmo?

A reunião do Copom de novembro será influenciada pelo resultado das eleições e pela leitura do IPCA de setembro. O Banco Central sinalizou que está confortável com o ritmo atual de 25 pontos-base por reunião, mas o balanço de riscos ficou mais assimétrico com o Brent acima de US\$ 100. Um choque inflacionário sustentado pode obrigar o colegiado a reduzir o ritmo.

DISCLAIMER

As opiniões aqui expressas refletem o entendimento pessoal e independente do Diretor de Análise MARCOS FELIPE MARTINS DA SILVA PRAÇA, CNPI-T (EM-9505), inclusive em relação à pessoa jurídica à qual está vinculado. Este relatório não constitui oferta nem garantia de resultado, e o investidor é o único responsável por suas decisões. A Zero Markets Brasil Consultoria e Análise de Valores Mobiliários LTDA, CNPJ 56.964.932/0001-09, credenciada perante a APIMEC Brasil, declara, nos termos do art. 22 da Resolução CVM nº 20/2021, não haver situação que afete a imparcialidade deste relatório ou configure conflito de interesses, ressalvado o que, se existente, será divulgado no próprio relatório.